



Rayana da Silva França

## A APROPRIAÇÃO CULTURAL DO SAMBA

Rio de Janeiro

2024

Rayana da Silva França

## A APROPRIAÇÃO CULTURAL DO SAMBA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Valéria Fernandes de Carvalho

Defesa em \_\_/\_\_/\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

---

Valéria Fernandes de Carvalho  
EPSJV/Fiocruz

---

Aline e Oliveira Rosa  
EPSJV/Fiocruz

---

Danielle da Silva Leal  
EPSJV/Fiocruz

Rio de Janeiro

2024

Dedico este trabalho principalmente a minha mãe, Roselaine Santos da Silva, que foi a mulher que mais acreditou em mim enquanto nem eu acreditava, a minha pequena irmã Sofhí, aos meus avós, Rosilene, Marcos Antônio, Carmem Lúcia, as minhas madrinhas, Daniele e Camila, e a minha prima Patrícia, pessoas que buscaram caminhos para que eu chegasse aonde cheguei e que fizeram parte dessa trajetória comigo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço às pessoas citadas na dedicatória e às que me ensinaram e compartilharam comigo o conhecimento, sobretudo, os que envolvem o samba.

À Valéria, minha orientadora, que esteve comigo, não só me orientando, mas me dando um colo e às vezes uns puxões de trança também, que muito me ajudaram a situar minha pesquisa no caminho acadêmico, obrigado por nunca ter desacreditado de mim.

Agradeço ao meu ex-professor Wallace por toda filosofia, por todos os fundamentos, ensinamentos e ao Rogério Luiz Ferreira da Silva, “Rogerinho”, por tudo que fez para contribuir com a conclusão desse trabalho trazendo todos os seus conhecimentos sobre samba.

Por fim, agradeço também às Rodas de Samba por existirem em minha vida.

## **RESUMO**

A presente monografia objetiva analisar como a apropriação cultural no samba, via mercantilização da cultura negra, tem ocasionado o esvaziamento dos seus sentidos e dos seus significados de resistência e de (re) afirmação da identidade negra. Dessa forma, busco caracterizar as raízes do samba como uma das expressões culturais da resistência da população negra e de afirmação da identidade negra, destacando sua importância na história na cultura brasileira e; analiso como a apropriação cultural do samba, através da mercantilização da cultura, se constitui como mais uma tentativa de embranquecimento da cultura negra.

A monografia está baseada numa abordagem qualitativa e procurou atingir os objetivos geral e específicos, usando como estratégia de pesquisa a revisão da literatura científica por meio de buscas de artigos científicos, livros e trabalhos disponibilizados nas bases de dados como Scielo e Google acadêmico, tendo como referência os descritores: samba, apropriação cultural, branquitude e mercantilização.

Palavras-chave: samba, apropriação cultural, branquitude, mercantilização.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1: Samba como expressão cultural de resistência cultural e ancestral .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Tia Ciata e a Pequena África: berço do samba e a resistência cultural do povo negro no Rio de Janeiro .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 Samba e a formação da identidade afro-brasileira .....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 2: Da criminalização à apropriação cultural do samba .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 A mercantilização do samba .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Da mercantilização à apropriação do samba .....</b>	<b>28</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia objetiva analisar como a apropriação cultural no samba, via mercantilização da cultura negra, tem ocasionado o esvaziamento dos seus sentidos e dos seus significados de resistência e de (re) afirmação da identidade negra. Dessa forma, busco caracterizar as raízes do samba como uma das expressões culturais da resistência da população negra e de afirmação da identidade negra, destacando sua importância na história na cultura brasileira e; analiso como a apropriação cultural do samba, através da mercantilização da cultura, se constitui como mais uma tentativa de embranquecimento da cultura negra.

O interesse por esse tema surgiu do desejo de conhecer mais as raízes culturais da minha ancestralidade (africana e afro-brasileira) e do incomodo em relação ao esvaziamento e à tentativa de apagamento históricos desta, como expressão de resistência, de afirmação da cultura e da identidade negra. A percepção acerca destas questões iniciaram no momento que comecei a participar com frequência das rodas de samba no município do Rio de Janeiro, pois até então eu residia numa cidade pequena onde não tinha fácil acesso a certos tipos de informações e de discussões, e especialmente depois que entrei na EPSJV/Fiocruz.

Desde as minhas primeiras inserções nas rodas de samba, algumas observações aguçaram meu olhar crítico, entre elas: o fato de que, cada vez mais, a maioria do público ser constituído por pessoas brancas e a observação de que cada vez mais os cantores/as das rodas serem brancos/os e serem reconhecidos/as, e até conseguirem sobreviver e se sustentar cantando músicas compostas por pessoas negras que não são sequer reconhecidas e que não conseguem se sustentar como compositoras/res. Estas observações foram despertando em mim outros questionamentos, do tipo: por que tem um psicólogo branco avaliando um samba enredo<sup>1</sup>? Se o candomblé vem de matriz africana como tem mães de santo brancas? por que o que a gente<sup>2</sup> faz por amor, muitas vezes sem receber nada, cada vez mais é um espaço, como as rodas de samba, ocupado por cantores/as brancos/os que são valorizadas e recebem um valor significativo? Por que brancos “sofrem” ou performam sofrimento ao cantarem músicas como “Zumbi dos Palmares”<sup>3</sup>, “Pra matar preconceito”<sup>4</sup>?

---

<sup>1</sup> Refiro-me a um dos jurados do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro no ano de 2024.

<sup>2</sup> A partir da minha perspectiva, como mulher negra sempre que esse trabalho usar o referencial “nós”, “nosso”, estou me referindo ao ponto de vista de uma mulher negra e seus semelhantes: a comunidade negra.

<sup>3</sup> Música composta pelo cantor Jorge Ben

<sup>4</sup> Música composta por Raul Di Caprio e Manu da Cuíca

A princípio, minhas observações me levam a entender o que está ocorrendo nas rodas de samba como consumo da cultura negra através de sua mercantilização, algo muito comum na sociedade de consumo que vivemos, especialmente num contexto marcado pelo avanço da visibilidade e de algumas conquistas dos movimentos negros. Diante disso, é possível entender, por exemplo, como o capitalismo, auxiliado pela indústria cultural, tenta tirar proveito de pautas importantes e históricas dos movimentos negros, transformando-as em mercadorias para propaganda, venda e lucro, via apropriação cultural.

Essa apropriação gera desigualdades e perpetua estereótipos racistas, já que muitas das vezes os artistas brancos são valorizados e exaltados, enquanto os artistas negros são marginalizados. Discutir sobre a branquitude (Bento, 2022) nesses espaços é uma forma de reconhecer e enfrentar esse processo de exclusão racial, buscando ampliar as vozes e as contribuições das pessoas negras na cultura do samba. Além disso trazer esse assunto também é uma oportunidade de refletir sobre privilégios e sobre como o racismo estrutural afeta diferentes áreas na sociedade. Ao abordar essa temática, podemos promover a igualdade, a valorização da diversidade e o respeito pela cultura afro-brasileira. Dessa forma, compreendo que abordar esse tema é fundamental também para encorajar uma discussão mais profunda sobre como promover a apreciação cultural de forma ética e respeitosa, reconhecendo e valorizando as origens e contextos culturais. Em suma, o objetivo principal de abordar o tema da apropriação cultural é promover a conscientização sobre as implicações culturais, sociais e políticas desse fenômeno.

Compreender os significados do esvaziamento de pessoas negras nas rodas de samba do Rio de Janeiro é de suma importância, pois o samba é uma expressão cultural profundamente enraizada na história e identidade afro-brasileira. Embora tenha sido criada por comunidades negras, ao longo do tempo houve uma apropriação e embranquecimento do samba, onde artistas brancos ganharam mais visibilidade e reconhecimento em detrimento dos artistas negros, que são marginalizados.

A discussão sobre apropriação cultural no mundo do samba é relevante por vários motivos. Segundo William (2019), a apropriação cultural ocorre quando elementos de uma cultura dominante são adotados ou incorporados por membros de uma cultura subordinada, muitas vezes sem considerar o contexto cultural original ou respeitar seu significado. Essa ação pode resultar em uma série de consequências negativas e desrespeitosas.

A apropriação cultural muitas vezes envolve membros de uma cultura dominante adotando e comercializando elementos de uma cultura marginalizada ou historicamente oprimida. Isso pode reforçar a desigualdade de poder existente, pois a cultura dominante se beneficia financeiramente e socialmente, enquanto a cultura marginalizada pode ser ignorada ou discriminada. Nesse sentido, falar sobre apropriação cultural permite-nos refletir sobre a importância de valorizar e respeitar a diversidade cultural.

A apropriação cultural pode resultar na deturpação e descaracterização dos símbolos culturais, desrespeitando a história, os significados e a importância dentro de uma determinada comunidade. Tal fato remete à necessidade de preservar e proteger as práticas e tradições culturais, evitando a sua apropriação superficial.

A discussão acerca da apropriação cultural pode incentivar a sensibilidade cultural e o diálogo intercultural e permitir aprender uns com os outros, entender as perspectivas e as experiências de diferentes culturas e construir pontes de entendimento. Além disso, reconhecer e respeitar a origem e o contexto cultural dos elementos adotados é essencial para garantir o empoderamento e a representação adequada das comunidades culturais. Ao evitar a apropriação, é possível a promoção de oportunidades para que as próprias comunidades compartilhem sua história, arte, moda e tradições, garantindo-lhes voz e visibilidade.

É importante notar que a discussão sobre apropriação cultural é complexa e pode envolver diferentes pontos de vista. Diante disso, é fundamental ouvir e valorizar as perspectivas das comunidades afetadas, a fim de abordar adequadamente essa questão e promover uma compreensão crítica e sensibilização sobre as questões envolvidas nesse fenômeno.

Em suma, trata-se de entender as dinâmicas de poder e privilégios que estão envolvidas nesse processo e estimular o diálogo e a reflexão sobre as consequências da apropriação cultural que, muitas vezes, contribui para a perda de identidade cultural dos grupos marginalizados, reforça estereótipos e perpetua desigualdades.

No capítulo 1, exponho a importância do samba como uma forma de resistência cultural e política, destacando sua contribuição para a afirmação e manutenção da identidade negra no Brasil. Dessa forma, busco caracterizar as raízes do samba como uma das expressões culturais da resistência da população negra e de afirmação da identidade negra, destacando sua importância na história na cultura brasileira e; no capítulo 2 analiso como a apropriação cultural do samba,

através da mercantilização da cultura, se constitui como mais uma tentativa de embranquecimento da cultura negra.

A monografia está baseado na abordagem qualitativa e uso como estratégia de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Lilacs e Scielo, tendo como referência os descritores: racismo, apropriação cultural e samba.

## **Capítulo 1: Samba como expressão cultural de resistência e ancestralidade**

Este capítulo aborda a importância do samba como uma forma de resistência cultural e política, destacando sua contribuição para a manutenção da identidade negra no Brasil. Dessa forma, busco caracterizar as raízes do samba como uma das expressões culturais da resistência da população negra e de afirmação da identidade negra, destacando sua importância na história na cultura brasileira.

O samba tem suas raízes na cultura africana, trazida para o Brasil pelos escravizados durante o período colonial. A música e as danças africanas foram muito fundamentais na resistência, na história e na cultura dos escravizados. Em particular, o samba foi influenciado pelas tradições musicais da África Ocidental, como os batuques. Durante o período escravagista, o samba foi uma forma de resistência não violenta. A música e a dança permitiam a comunicação entre os escravizados, assim como, o compartilhamento de expressões e emoções (Silva, 2019).

O samba é uma das manifestações culturais mais emblemáticas do Brasil, devido a sua histórica resistência que reflete a diversidade de uma das expressões da identidade nacional, sendo considerado um patrimônio cultural e imaterial (IPHAN, 2007) e tem suas raízes profundamente ligadas à cultura negra e à história de resistência da comunidade afro-brasileira. Segundo Silva (2013, p.34) “(...) O samba tem raízes na cultura negra, surgindo de tradições africanas trazidas pelos escravos, que se misturaram com influências locais”. Essa origem está ligada à luta de resistência da comunidade negra ao longo da história.

O samba surgiu nas comunidades afro-brasileiras no final do século XIX e no início do século XX, inicialmente associado a festividades e celebrações. No entanto, durante grande parte do século XX, essa expressão cultural, foi criminalizada pelas autoridades, especialmente nas

primeiras décadas do século XX, pois viam essa manifestação cultural como uma ameaça à ordem pública (Moura, 2014).

Considero que o vínculo estabelecido do samba com seu passado histórico se relaciona com a afirmação e manutenção com a ancestralidade negra e seus descendentes. Essa vinculação possibilitou o estabelecimento de uma relação afetuosa com o público, afirmando sua tradição, sua legitimidade e a manutenção da cultura negra viva.

Podemos definir como tradicionais as rodas de samba que guardam relação direta com as chamadas “Matrizes do Samba no Rio de Janeiro”, como defendidas pelo registro como patrimônio cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que selecionam: samba de terreiro, partido alto e samba enredo - como modalidades entendidas como originárias na formação estética e rítmica do samba carioca. Segundo Silva (2019), mesmo essas matrizes se estabelecendo no samba como basilares e tradicionais na sua estrutura, principalmente após a década de 1930, com a presença maior de sambistas da região do Estácio, a versão amaxixada do samba continua presente nessa tradição, menos nas estruturas rítmica-instrumental e melódica-poética e mais na imagem de seus representantes, como Sinhô, Donga, Caninha, Pixinguinha, dentre outros.

O samba, ritmo musical e dança típicos do Brasil, é mais do que uma expressão cultural popular, é uma forma de resistência, de afirmação e de celebração da identidade negra. Segundo Moura (2014, p.244)

As culturas africanas, durante a escravidão, e dos afro-brasileiros depois, diante da manobra asfíxiadora da classe senhorial e do seu aparelho ideológico, passaram à função de instrumento de autodefesa dos oprimidos social étnica e economicamente. Durante a quilombagem os negros rebeldes encontravam em alguns dos seus padrões culturais elementos de proteção social.

Após a abolição, o samba continuou como uma forma de resistência contra a opressão e o racismo.

Havia na época muita atenção da polícia às reuniões dos negros: tanto o samba como o candomblé seriam objetos de contínua perseguição, vistos como coisas perigosas, como marcas primitivas que deveriam ser necessariamente extintas, para que o ex-escravo se tornasse parceiro subalterno “que pega no pesado” de uma sociedade que hierarquiza sua multiculturalidade (Roberto Moura, p.197, 2022).

Moura (2014, p.244) apresenta uma caracterização detalhada das raízes do samba como expressão cultural da resistência negra e afirmação da identidade cultural, ele situa o nascimento do samba no contexto da escravidão, abolição e imigração africana no Brasil:

As culturas africanas, durante a escravidão, e dos afro-brasileiros, depois, diante dessa manobra asfíxiadora da classe senhorial e do seu aparelho ideológico, passaram à função de instrumento de autodefesa dos oprimidos social étnica e economicamente. Durante a quilombagem, os negros rebeldes encontravam em alguns de seus padrões culturais elementos de proteção social.

Nesse sentido, o samba é uma expressão cultural que afirma a identidade negra e celebra a ancestralidade africana. É uma forma de resistência contra o racismo e a opressão, mantendo viva a memória e a cultura dos antepassados. Cabe destacar que o samba é mais do que uma música ou dança, é uma expressão cultural de resistência e ancestralidade. Suas raízes africanas e sua história de resistência e ancestralidade se constituíram como elementos centrais contra a opressão, tornando-o uma referência importante da identidade negra brasileira.

### **1.1 Tia Ciata e a Pequena África: berço do samba e da resistência cultural do povo negro no Rio de Janeiro**

O candomblé, religião afro-brasileira, teve um papel fundamental na formação do samba. Os rituais e cerimônias do Candomblé incluíam música e dança que mais tarde se tornaram elementos básicos do samba. Segundo Nascimento (1980, p83) “Quem observa a presença tão viva e profunda da religião africana no país, rápida e facilmente verifica a importância da influência sobre a arte brasileira, de um modo geral”.

No início do século XX, o samba se espalhou pelas cidades brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro. As escolas de samba surgiram como espaços de resistência cultural e política, onde os negros podiam se organizar e expressar sua identidade. Segundo Nascimento (Beatriz,2021, p.245) “(...) para eles, o sistema religioso funcionava como um anteparo existencial, lúdico e de aglutinação. Conspirações contra o regime faziam parte do dia a dia das suas relações internas”. Moura (2023) destaca a importância do candomblé na formação do samba, evidenciando como os rituais e cerimônias influenciam a música como o samba foi uma forma de resistência cultural contra a opressão e o racismo, permitindo aos negros expressarem sua identidade e manter viva. Nesse sentido, o referido autor, compreender que as expressões

culturais da população negra, inserem-se nos movimentos do que denominou como quilombagem:

“O quilombo aparece, assim, como aquele módulo de resistência mais representativo (quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica) que existiu. Estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo, e se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável na proporção em que as forças repressivas agiam menos ou mais ativamente contra ele. Dessa forma o quilombo é um centro organizacional da quilombagem, embora outros tipos de manifestação de rebeldia também se apresentassem, como as guerrilhas e diversas outras formas de protesto individuais ou coletivas. Entendemos, portanto, por quilombagem uma constelação de movimentos de protesto do escravo, tendo como centro organizacional o quilombo, qual partiam ou para ele convergiam e se aliavam as demais formas de rebeldia” (p.46)

Hilária Batista de Almeida, mais conhecida como Tia Ciata, foi uma das principais centrais nos processos de resistência e afirmação da cultura negra, foi uma líder comunitária e musical que simboliza o papel fundamental das mulheres negras na preservação e transmissão da cultura africana. Sodré (1998, p.15), afirma que “(...) A casa da Tia Ciata, babalô mirim respeitada simboliza toda a estratégia de resistência cultural à cortinha de marginalização contra o negro em seguida à Abolição”.

De acordo com Moura (2022 pp.191-192)

a mais famosa de todos as baianas, a mais influente, foi Hilária Batista de Almeida, Tia Ciata, lembrada em todos os relatos do surgimento do samba carioca e dos ranchos, onde seu nome aparece gravado Siata, Ciata ou Assiata.

Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, nasceu em 1854 na Bahia. Tia Ciata foi uma figura fundamental na história do samba brasileiro. Sua casa, localizada na Praça Onze, no Rio de Janeiro, foi um importante ponto de encontro para músicos compositores e dançarinos, contribuindo significativamente para o desempenho do gênero. Com 22 anos, chega ao Rio de Janeiro e tornou-se uma respeitada líder comunitária e religiosa, exercendo influência na comunidade afro-brasileira. Sua residência foi um centro cultural e musical, onde se desenvolveram os primeiros ritmos de samba e se tornou um espaço de encontro para artistas, músicos e sambistas, como Pixinguinha, Donga, João da Baiana, entre outros, onde realizavam-se rodas de samba, com apresentação de música, dança e poesia, nesse espaço os artistas compartilhavam histórias, técnicas e inspirações. Tia Ciata e seus convidados experimentavam novos ritmos e melodias. Misturavam elementos africanos, europeus e brasileiros. A casa de Tia Ciata foi fundamental para a consolidação do samba como gênero musical. Tia Ciata é

considerada uma das mães do samba. Sua casa foi um marco na história cultural brasileira. Existem diversas homenagens em sua memória incluindo livros, filmes e músicas (Moura, 2022).

A “Pequena África”, assim denominado por Heitor dos Prazeres, abrangia os atuais bairros da Gamboa, Saúde e Santo Cristo, na Zona Portuária, território histórico no Rio de Janeiro século, símbolo da resistência e cultura afro-brasileira território, é considerado por muitos estudiosos como o berço do samba no Rio de Janeiro, pois foi um espaço de comunidade e solidariedade, onde a população negra se reunia para compartilhar experiências e celebrações da sua cultura. A Pequena África foi ocupada inicialmente por escravizados os africanos e, posteriormente, por libertos, descendentes e imigrantes africanos. As culturas e tradições mantinham fortes vínculos com raízes africanas, refletindo a identidade e da diversidade cultural e étnica. Era uma comunidade de resistência, cultura e solidariedade.

Um local de afirmação do negro onde se desenrolam atividades coletivas tanto de trabalho — uma órbita do permitido apesar da atipicidade de atividades organizadas fora dos modelos da rotina fabril — quanto de candomblé, e se brincava, tocava, dançava, conversava e organizava (pág. 198, moura , 2022) Na sua casa, capital do pequeno continente de africanos e baianos, se podiam reforçar os valores do grupo, afirmar o seu passado cultural e sua vitalidade criadora recusados pela sociedade. (...) Da Pequena África no Rio de Janeiro surgiram alternativas concretas de vizinhança, de vida religiosa, de arte, trabalho, solidariedade e consciência, onde predominaria a cultura do negro vindo da experiência da escravidão, no seu encontro com o migrante nordestino de raízes indígenas e ibéricas e com o proletário ou o pária europeu, com quem o negro partilha os azares de uma vida de sambista e trabalhador (Moura, 2022, pp. 207-208).

Os fatores de comunidade e solidariedade que havia entre os moradores as organizações e irmandades, luta contra a opressão. Eles preservavam as tradições culturais e faziam as manutenções dessas tradições africanas através do samba, culinária e religiosidade (Moura, 2022).

O samba era associado à festa de rua, a comportamentos considerados subversivos e à marginalidade, o que levou a uma série de repressões - incluindo proibições de eventos e perseguições a músicos e dançarinos. Foi visto como subversivo porque suas letras frequentemente abordavam questões sociais e políticas numa perspectiva crítica à ordem social racista e, dessa forma, ser uma das expressões das resistências culturais da população afro-brasileira.

A criminalização do samba pode ser vista como parte de um contexto mais amplo de racismo estrutural, onde as práticas culturais afro-brasileiras eram desqualificadas e deslegitimadas. As autoridades buscavam controlar e, muitas vezes, eliminar e/ou silenciar as

práticas culturais afro-brasileiras porque desafiavam as normas culturais eurocêntricas predominantes e afirmavam a identidade negra. As autoridades buscavam controlar essas manifestações, temendo que elas pudessem iniciar revoltas ou questionar as hierarquias raciais estabelecidas que marginalizavam a população negra e suas culturas.

Havia na época muita atenção da polícia às reuniões dos negros: tanto o samba como o candomblé seriam objetos de contínua perseguição, vistos como coisas perigosas, como marcas primitivas que deveriam ser necessariamente extintas, para que o ex-escravo se tornasse parceiro subalterno “que pega no pesado” de uma sociedade que hierarquiza sua multiculturalidade (Roberto Moura, p.197, 2022)

Nascimento (1980) destaca a forma como o samba incorpora não apenas a musicalidade, mas também os valores, os mitos e as tradições africanas, sendo uma linguagem que transcende o tempo e as dificuldades. Ao longo de sua obra, ele sublinha como o samba representa uma forma de autonomia cultural, que mesmo diante da repressão e da desvalorização, consegue se manter como um pilar fundamental da cultura negra no Brasil. Assim, o referido autor ilustra o samba não apenas como uma expressão artística, mas como uma das formas mais poderosas de resistência e afirmação da identidade negra no país, sendo um símbolo de luta e dignidade. Dessa forma, aborda o samba como um produto da mistura de elementos africanos e das realidades vividas pelos negros no Brasil, afirmando que essa manifestação cultural surgiu como um espaço de resistência e de preservação das raízes africanas, ainda que adaptadas ao contexto brasileiro. Diante disso, Nascimento (1980) considera que o samba se torna uma "armadilha da resistência", uma maneira de o povo negro afirmar sua identidade e suas origens, enquanto enfrentava a marginalização social e cultural.

## **1.2 Samba e a formação da identidade afro-brasileira.**

A formação da identidade afro-brasileira tem uma influência cultural expressa da música, dança, culinária e religiosidade. Moura (2014) destaca a importância da memória e ancestralidade na construção da identidade negra, mostrando como o samba é uma conexão com os antepassados. O referido autor aborda a luta contra o racismo e a discriminação, destacando o papel do samba como uma forma de resistência e afirmação, demonstra como o samba é uma conexão com os antepassados africanos, destacando os aspectos culturais, as raízes africanas, enfatiza que o samba tem origens nas danças e ritmos africanos, como o “lundu” e o “jongo”, mostra como o samba está ligado às práticas religiosas afro-brasileiras, como o

candomblé e a umbanda. Destaca ainda, o uso de instrumentos tradicionais africanos, como o “atabaque” e o “agogô”, no samba; a comunicação com os orixás; explica que o samba é uma forma de comunicação com os orixás e os antepassados. Assim considera que o samba é uma forma de homenagear e reverenciar os antepassados africanos, destacando que o samba ajuda a manter viva a memória dos antepassados e da cultura africana e enfatizando que o samba é uma expressão coletiva, que reforça a conexão entre os membros da comunidade e seus antepassados. Resumidamente, o autor evidencia como o samba foi uma forma de resistência cultural contra a opressão e a escravidão, salientando sua importância como expressão cultural da resistência negra e afirmação da identidade negra.

Werneck (2020) apresenta uma caracterização das raízes do samba, destacando a influência da cultura africana no desenvolvimento do samba e este como uma forma de resistência durante o período escravista. A autora enfatiza ainda o papel da comunidade negra na formação e manutenção do samba na construção e afirmação da identidade negra e também ressalta a relação entre o samba e as religiões afro-brasileiras:

Trata de um percurso que teve como pano de fundo principal, como cenário exposto às sensibilidades gerais, as manifestações religiosas negras vividas nos espaços públicos principalmente mediante superposições às manifestações religiosas cristãs. Ou desenvolvidas em espaços privados, mais abertos aos de fora pela acolhida (ou a eles vulneráveis, pela violência), nas casas de poucos cômodos e nos quintais. nesses locais, uma série de elementos como canto, dança, comida e transcendência estavam à disposição de olhares, ouvidos e corpos “estrangeiros”. Ou seja, estavam ao alcance daqueles não pertencentes à comunidade em que se originaram, mas que podiam acessá-los com pouca ou nenhuma limitação em determinados momentos das celebrações rituais (p. 59)

Dessa forma, a autora supracitada oferece uma visão profunda das raízes do samba, destacando a sua importância como expressão cultural da resistência e afirmação da população e da cultura preta.

Sodré (1988 apud Werneck, p.60) apresenta o aspecto da caracterização do samba como uma expressão cultural que nasce da resistência negra de uma maneira profunda

A cultura negra é um lugar forte de diferença e de sedução na formação social brasileira. No ritual - essa estratégia das aparências - os gestos, os cantos, o ritmo, a dança, as comidas, todos os elementos simbólicos, se encadeiam sem relação de causa e efeito (não há um signo determinante), mas por contiguidade, por contato concreto e instantâneo. A magia e a música partilham a mesma linguagem, a mesma ausência de significado, a mesma pluralidade de espaços. A linearidade da escrita, a abstração racionalista, o isolamento hedonista do indivíduo (que desemboca alucinada “liberação” sem fronteiras), a obsessão do sentido último, encontraram na cultura negra o seu limite

Nesse sentido, Sodré (1998) compreende o samba não apenas como um gênero musical, mas como um fenômeno social e histórico que reflete as vivências da população negra no Brasil; destaca que o samba é uma forma de resistência à opressão e à marginalização, um espaço onde a cultura afro-brasileira se afirma e se reinventa e; analisa como as letras do samba são carregadas de significados que dialogam com a luta racial e a busca pela identidade negra. O autor destaca, ainda, que o samba - desde suas origens - está intrinsecamente ligado à luta dos negros pela visibilidade e pelo reconhecimento de suas raízes culturais em um contexto marcado pela opressão e marginalização. Analisa que o samba emerge das experiências coletivas afrodescendentes, refletindo suas vivências, dores e alegrias. Dessa forma, essa manifestação artística não apenas é uma forma de entretenimento, mas um meio de resistência que permite à continuidade negra afirmar sua identidade e história.

Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano (Sodré, 1998, p.12).

O samba, nesse sentido torna-se um espaço de construção de uma consciência coletiva, onde os elementos dialogam com a cultura africana e suas tradições (Sodré, 1998). Além disso, o autor também aponta como o samba tem sido um meio de contestação social e política, servindo como um manifesto contra a discriminação e a injustiça. Através de suas letras e performances, os sambistas têm abordado questões como a desigualdade racial, a luta por direitos e afirmações do orgulho negro. Assim, o samba não só resgata as raízes africanas, mas também promove uma reinterpretação da história, assim contribuindo para a formação de uma identidade negra mais autêntica. Por fim, o referido autor enfatiza que o samba é um poderoso instrumento de resistência cultural e afirmação da identidade negra, essencial para luta contínua por reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira.

Nascimento (1980) também trata das raízes do samba como um elemento fundamental na resistência negra e na afirmação da identidade negra e na afirmação da identidade negra e compreende que o samba é uma manifestação cultural que emergiu como uma forma de contestação à opressão histórica enfrentada pela população negra no Brasil. O autor enfatiza a importância do samba como um meio de expressão que possibilita a valorização da cultura afro-brasileira e a construção de uma identidade coletiva. Nesse sentido, o samba carrega em suas letras rotinas a luta contra a exclusão social e a busca por reconhecimento. Nesse sentido,

considera o samba como um espaço de socialização e de celebração das tradições africanas, que se relacionam com a luta por direitos e dignidade para a população negra, constituindo-se como uma forma de resistência que contribui para a construção de uma consciência negra e para afirmação da identidade afro-brasileira, e enfatiza o samba como uma das formas mais importantes de expressão cultural negra no Brasil, vinculando-o diretamente à resistência e à afirmação da identidade negra.

O samba surge como uma expressão cultural da resistência do povo negro, Vieira (2012) destaca que o samba surge como uma expressão cultural negra e ressalta que o samba nasce em meio à marginalização e discriminação sofrida pelos negros no Brasil, especificamente no pós-abolição da escravidão; analisa que o samba foi criado nas periferias das grandes cidades, nas comunidades negras e pobres como uma forma de expressão e uma resistência contra a opressão e que, através do samba, a população negra podia expressar suas dores, alegrias, lutas e também preservação das tradições que haviam da cultura africana. Assim, o samba se tornou um importante elemento de afirmação e valorização da identidade negra e marginalizada. A referida autora destaca que o samba foi fundamental na construção da cultura da classe trabalhadora do Brasil, pois representava a voz de toda população excluída e marginalizada que lutava por dignidade e igualdade e enfatiza a importância e a necessidade do samba como uma manifestação cultural que de fato nasce das raízes da resistência negra e que contribui muito para a formação da cultura da classe trabalhadora no Brasil. Dessa forma, o samba passou a ser um símbolo de resistência e de pertencimento para os negros e para todas as camadas populares, contribuindo para a formação de uma identidade cultural brasileira plural e diversa.

Ao tratar da história e evolução do samba Vieira (2012) destaca também os papéis fundamentais das raízes negras nesse gênero musical e evidencia como que o samba surgiu em expressão cultural da resistência desse povo. Através do samba, os negros puderam afirmar sua identidade, reivindicar seus direitos, perpetuar suas tradições e narrativas, e resistir contra a opressão e o racismo estrutural. A autora reforça a importância do samba como uma manifestação cultural mais autêntica e representativa do povo negro brasileiro. Ademais é sobre reconhecer e valorizar as contribuições dos artistas músicos negros para a construção da música popular brasileira, combatendo assim narrativa do branqueamento e resgatando a verdadeira essência e origem do samba.

Ao destacar a importância do samba como uma manifestação cultural, Silva (2016) ressalta, em concordância com autoras/es citadas/os acima que o samba, surgiu nos espaços de marginalização e resistência da população negra, como as senzalas, os cortiços e as favelas, onde os negros se reuniam para tocar e cantar etc. Com o passar do tempo, o samba se tornou um símbolo de resistência, uma forma de afirmar a identidade do povo negro.

O samba foi perseguido e marginalizado pela elite branca. Segundo Moura (ano), o samba – assim como as demais expressões culturais negras – sofreu uma tentativa de apagamento de seu caráter de denúncia e de resistência às violências sofridas pela população negra, assim percebe-se, de acordo com a análise do autor, uma tentativa de esvaziamento das vozes negras. Nesse sentido, Moura (1988) destaca os processos de aculturação e de assimilação, através dos quais a elite branca tentou num primeiro momento impor seus padrões culturais e, posteriormente, passou a imitá-los e tentar os absorver, numa tentativa de silenciar de neutralizar a resistência cultural, social e política e a luta da população negra através de suas expressões culturais, entre estas o samba. Apesar disso, o samba resistiu e se reinventou, tornando-se uma das expressões mais fortes da cultura afro brasileira.

Considero que as análises de Moura (1988; 2014) fornecem elementos fundamentais para compreendermos o processo de apropriação cultural, via mercantilização da cultura negra, reflexão abordada no segundo capítulo desta monografia.

## **Capítulo 2 – Da criminalização à apropriação cultural via mercantilização do samba**

O presente capítulo tem como objetivo abordar a apropriação cultural do samba, através da mercantilização da cultura negra, constituindo-se como uma das tentativas de embranquecimento da cultura negra. Conforme analisarei abaixo, com o passar do tempo, a criminalização foi substituída pela tentativa de embranquecimento do samba, via apropriação cultural, tendo como um dos pilares desse processo a mercantilização da cultura negra.

### **2.1 A mercantilização do samba:**

A mercantilização refere-se à transformação de práticas culturais em produtos para o mercado, enquanto a apropriação cultural envolve o uso de elementos de uma cultura por outra, frequentemente sem conhecimento ou respeito. Assim, ambas podem desvirtuar o significados

originais das expressões culturais. Adorno (2002) argumenta que a indústria cultural não apenas comercializa produtos culturais – ou seja, qualquer forma de expressão artística que é produzida para consumo, como música, cinema, literatura, entre outros -, mas também homogeneiza e padroniza essas expressões, reduzindo sua capacidade tanto crítica como transformadora.

A reflexão acerca desses fenômenos, através da lente da crítica do referido autor, possibilita entender melhor como a indústria cultural influencia a percepção e o valor das culturas marginalizadas, ressaltando a importância de um olhar crítico sobre a produção e consumos culturais contemporâneos. Dessa forma a crítica e Adorno (2002) contribui para o entendimento de como a indústria cultural influencia a percepção e o valor das culturas marginalizadas. Essa percepção é influenciada porque as representações da cultura, muitas vezes, não refletem suas realidades complexas, levando a uma visão distorcida ou superficial. O valor das culturas marginalizadas é frequentemente desconsiderado, pois são vistas como menos legítimas ou relevantes em comparação com a cultura dominante. A produção e o consumo cultural contemporâneo, assim, tendem a favorecer produtos que se alinham com interesses comerciais, em vez de apoiar a diversidade e a autenticidade cultural.

Segundo Silva (2013), o processo de mercantilização do samba pode ser observado no momento no qual o samba foi transformado em produto comercial perdendo seu significado cultural original. Esse fenômeno resulta na descontextualização do samba, representado sem suas raízes históricas e sociais, ou seja, sem as vozes das suas comunidades de origem, que são silenciadas.

A mercantilização do samba ocorreu com o passar dos anos e décadas, quando passou a ser comercializado, através de sua legalização, especialmente com a introdução do rádio e do disco. Essa visibilidade atraiu a atenção de empresários e de gravadoras. Dessa forma, partir do momento em que o samba se tornou um produto comercial, começou a ser tratado como parte da indústria cultural. Festivais, gravações e shows passaram a ser organizados, promovendo o gênero e gerando lucros .

O samba começou a ser explorado pela indústria nos anos de 1930 de diversas maneiras. Com a popularização do disco de vinil, muitos artistas começaram a gravar samba, o que ajudou a disseminar o gênero para além das comunidades onde ele se originou. As emissoras de rádio começaram a tocar samba aumentando sua visibilidade e atraindo novos públicos. Isso fez com

que o samba se tornasse parte da cultura popular brasileira. O samba começou a ser visto como parte da identidade nacional brasileira, especialmente durante o período de modernização do país, momento no qual a indústria do entretenimento percebeu uma oportunidade de lucrar com essa valorização . A popularidade do samba entre as classes populares e a sua capacidade de atrair audiências diversas o tornou um produto desejável para a indústria do entretenimento, passando a ser explorado de fato por artistas brancos.

Essa triagem de mercantilização modificou a essência do samba - tal processo diz respeito ao processo de seleção e adaptação de elementos do samba que são considerados mais palatáveis ou comercializáveis para o público em geral. Essa triagem modificou a essência do samba, ao desviar-se de suas raízes afro-brasileiras e das suas mensagens sociais e políticas, vinculadas a história de luta da população negra. O resultado foi uma versão do samba que tendeu a enfatizar a diversão e o entretenimento, em detrimento de suas origens culturais ricas e complexas, tornando-o um produto que poderia ser consumido em massa. Assim, transformado em produto cultural, o samba passa a ser produzido e distribuído em grande parte, visando atender ao grande público. Isso implicou na padronização das suas características, de modo a se tornar acessível e atraente para o maior número de pessoas possíveis, muitas vezes em detrimento da diversidade e da autenticidade.

O samba se torna um produto cultural quando é sistematicamente produzido, distribuído e consumido como um bem de mercado. O samba ao ser padronizado, pode perder suas conexões com as lutas sociais da população negra que o originaram, tornando-se uma forma de entretenimento esvaziado de suas raízes, que não desafia o status, mas sim o reforça, ao ser institucionalizado e transformado em espetáculo.

Entre 1920 e 1950, as rodas de samba eram realizadas em espaços informais, como quintais e praças, sem estrutura ou organização. Em 1970 a 1990 a cidade começou a criar espaços específicos para rodas de samba, como o Circo Voador. As associações e federações de samba começaram a estabelecer regras para rodas de samba e transformá-las em eventos comerciais com a cobrança ingressos para participar, ter patrocínio e transmissão televisiva. Dessa forma, as rodas de samba se tornaram atrativos turísticos.

Com a transformação do samba em espetáculo, ele passou a ser consumido de forma superficial, isso significa que o público, muitas vezes, aprecia a música e a dança sem compreender seu profundo significado cultural ou suas raízes históricas. O samba, que

originalmente abordava questões sociais e políticas vinculadas às lutas históricas da população negra por sua humanização, ao enfrentamento às diversas dimensões das violências racistas e ao reconhecimento de suas perspectivas acerca de sua história, passa a ser frequentemente apresentado em contextos que não reconhecem ou valorizam essas dimensões, resultando em uma descontextualização de suas origens afro-brasileira.

## **2.2 Da mercantilização e à apropriação cultural do samba**

O samba se torna um produto cultural quando é sistematicamente produzido, distribuído e consumido como um bem de mercado, nesse sentido a mercantilização do samba ocorre quando ele é comercializado muitas vezes em contextos que ignoram suas raízes culturais. Dessa forma, considero que isso pode levar à apropriação cultural, pois elementos do samba são explorados sem consideração pela história que o samba tem e o seu significado original.

Tais reflexões me levaram a qualificar este processo como apropriação cultural no sentido apresentado por William (2019):

A apropriação cultural é uma ação praticada por grupos dominantes e seus indivíduos. Consiste em se apoderar de elementos de outra cultura minoritária ou inferiorizada e utilizá-los sem as devidas referências e sem permissão, eliminando ou modificando seus significados e desconsiderando a opressão sistemática muitas vezes imposta por esse mesmo grupo dominante (p. 64).

Ainda, segundo este autor:

(...) A questão não está no fato de um branco cantar samba, mas nas circunstâncias deliberadas que o transformaram numa marca de identidade nacional, num patrimônio de todos, apagando e desconsiderando sua criação e essência enquanto uma das expressões mais originais da cultura negra (2019, p.152).

No que diz respeito à criação e à essência do samba, Silva (2013) analisa que há diferentes discursos acerca disso, entre eles, destaca: 1) os que abordam o samba pela perspectiva da valorização do papel criador do negro; 2) os que enfocam a expropriação cultural dos negros ou apropriação cultural pelos brancos; 3) os que trabalham com a noção generalizante de identidade nacional sem definição de grupo étnico ou social na origem do samba, entre outros. Diante destas perspectivas, a autora afirma que:

(...) o que está em jogo é a questão da valorização do negro no samba e não necessariamente a exclusão de outros grupos. Desse modo, reconhecer o papel do negro na criação do samba é indicar a importância dele no universo do samba. Isso está em consonância com a afirmação da identidade negra, ou negritude, que não tem nada a ver com a questão biológica, mas sim com uma construção de um discurso de afirmação ao

buscar a solidariedade do grupo, a fim de transformar a condição histórica que tentou desumanizar e destruir as histórias e culturas dos negros (p.27).

A referida autora se concentra em expor como a mercantilização do samba contribuiu para a descontextualização e o apagamento de nossas origens culturais e fornece uma análise crítica sobre como a apropriação cultural do samba explorado, como a mercantilização, impacta na sua essência e a forma como é percebido na sociedade carioca dialoga com a apropriação cultural ao analisar como as rodas de samba no Rio de Janeiro refletem tanto a resistência quanto a adaptação de elementos culturais, ela destaca que embora as rodas sejam celebração e preservação do samba também podem ser palco de apropriações que desconsideram as origens afro-brasileira. Assim, analisa como essas dinâmicas revelam tensões entre autenticidade cultural e as influências externas, questionando quem realmente se beneficia da cultura do samba.

A apropriação cultural do samba se manifesta quando seus elementos, como a música, a dança, os investimentos e as tradições são utilizados de forma descontextualizada por indivíduos ou grupos que não pertencem e ignoram a cultura afro-brasileira. Ou seja, ignoram, invisibilizam e silenciam o contexto histórico e social do samba, reduzindo-o a um produto a ser consumido de forma superficial. Isso significa que o público muitas vezes aprecia a música e a dança sem compreender seu significado cultural profundo ou suas raízes históricas. Desse modo, o samba, que originalmente abordava questões sociais e políticas, passou a ser frequentemente apresentado em contextos que não reconhecem ou valorizam essas dimensões históricas e culturais, resultando em uma descontextualização de suas origens afro-brasileiras. Essa apropriação muitas vezes ignora o contexto histórico e social do samba, reduzindo a um mero entretenimento das tradições afro-brasileiras por indivíduos ou grupos que não pertencem à cultura afro-brasileira, de forma esvaziada e desrespeitosa, e muitas das vezes sem o reconhecimento ou respeito às suas origens.

A caracterização de posturas como essas como apropriação cultural advém da percepção de que há uma utilização do samba sem reconhecimento e respeito, e se deve ao fato de que aqueles que se apropriam do samba frequentemente não reconhecem as contribuições das comunidades afro-brasileiras, nem respeitam suas tradições e contextos. Essa falta de reconhecimento pode levar a desvalorização das vozes e histórias que sustentam o samba, perpetuando a marginalização cultural.

A análise Silva (2013) traz a tona essa problemática de fato, pois questiona quem realmente “possui” o samba ao explorar as extensões entre a produção cultural e a apropriação, a partir disso argumenta que essa problemática é visível na maneira como o samba é comercializado e apresentado por artistas e indústrias que não têm conexão com suas origens. Possuir o samba, nesse contexto, refere-se não apenas a apropriação intelectual, mas autenticidade e a legitimidade cultural associada aos seus significado e prática, e como ele é representado nas mídias e nas próprias indústrias culturais.

Dessa forma, o samba é frequentemente representado nas mídias e indústrias culturais de forma a enfatizar os aspectos festivos e divertidos, muitas vezes em detrimento de suas raízes sociais e políticas. A representação tende a ser superficial, focando em imagens de carnaval e celebração, enquanto ignora as lutas e histórias das comunidades afro-brasileiras que deram origem ao gênero isso pode resultar em estereótipos e redução do samba e uma mera performance.

O processo de apropriação cultural do samba revela as complexas relações entre cultura, identidade e mercantilização, haja vista que a indústria cultural, segundo Adorno (2002) refere-se ao processo pelo qual as expressões culturais são produzidas como mercadorias, com o objetivo de serem consumidas em massa. O autor argumenta que essa produção resulta na homogeneização e padronização das referidas expressões, reduzindo suas capacidades críticas e transformadoras. A mercantilização da cultura negra, não apenas desvia o samba de suas raízes, mas também contribui para a perpetuação de estereótipos e a marginalização de suas expressões autênticas.

No que diz respeito à apropriação cultural, tanto Marques (2020) quanto William (2019) afirmam que a questão não é sobre quem usa e nem o que se usa de determinada cultura, os autores destacam a forma como os elementos de culturas marginalizadas são utilizados por grupos dominantes. Ambos discutem as consequências dessa apropriação, como a deslegitimação das vozes autênticas e superficialização das tradições culturais. A conexão entre eles reside na análise crítica das relações de poder que definem quem pode se apropriar desses elementos.

A discussão sobre apropriação cultural é essencial para a reflexão acerca da tentativa de embranquecimento da cultura negra. Considero que embranquecer uma cultura refere-se ao processo de alterar ou distorcer elementos culturais para que se alinhem mais com os

valores e normas de culturas predominantemente brancas. Isso pode incluir a minimização das influências afro-brasileiras e a promoção de uma versão da cultura que favorece a estética e a história branca, frequentemente apagando as contribuições das comunidades afrodescendentes, tirando a originalidade, o significado e a historicidade de determinada cultura.

Silva (2013) argumenta que a descontextualização ocorre quando o samba é apresentado sem a visibilização de suas raízes culturais e sociais. A mercantilização do samba transforma suas expressões artísticas em produtos de consumo, ignorando o contexto histórico e as lutas das comunidades afro-brasileiras, o que resulta em uma perda de significado, de autenticidade e distanciamento de suas raízes.

O impacto da indústria cultural tem um papel de muita importância na construção de uma narrativa nova sobre o samba, muitas vezes em desacordo com a sua origem. Celebidades que não têm ligação direta com a cultura afro-brasileira podem se tornar os “rostos” do samba, eclipsando artistas e comunidades que historicamente o sustentam. Isso levanta questões sobre autenticidade, representação e a responsabilidade social de artistas e produtores.

Os artistas e profissionais vinculados à indústria cultural - aqueles que produzem e promovem produtos culturais, como a música, cinema e arte, entre outras - podem ter diferentes origens e muitas vezes influenciam as representações culturais, mas suas ações podem não refletir as realidades das comunidades que as produções representam, mas que produzem e ganham prêmios nacionais e internacionais - melhor cantor/cantora de samba, melhor álbum de samba – e assumem posições de destaque em escolas de samba nos carnavais.

William 2019 pág 28. discorre sobre diversos aspectos cruciais sobre a apropriação cultural, o autor afirma que “(...) a apropriação cultural ocorre quando elementos de uma cultura são extraídos do seu contexto original e utilizados por grupos que não pertencem a essa cultura”. No caso do samba, artistas e empresários, muitas das vezes de origem não negra, se apropriam do gênero para criar produtos que se distanciam de suas raízes, transformando-o em mera mercadoria. Assim, a apropriação cultural do samba mostra um cenário complexo onde a mercantilização não apenas transforma a expressão artística, mas também gera tensões, incluindo a luta pela representação autêntica das comunidades afro-brasileira e a resistência contra a homogeneização cultural promovida pela indústria cultural, envolvendo a luta entre as tradições afro-brasileiras e as versões comerciais que buscam apagar ou distorcer essas raízes.

Silva, (2013) apresenta contribuições importantes sobre a questão da identidade e a apropriação cultural do samba, para o entendimento sobre essa dinâmica e para promover diálogos mais profundos sobre valorização e a preservação das culturas afro-brasileiras ao expor a complexidade da identidade cultural e as noções de propriedades. A partir das reflexões da autora, considero que a apropriação cultural do samba revela um cenário complexo, onde a mercantilização não apenas transforma a expressão artística, mas também gera tensões em torno da identidade cultural.

Diante disso, considero que a população negra, que ainda vive o processo de dominação, de apagamento e de expropriação e roubo do seu legado cultural. Assim, a apropriação cultural reveste-se de aspectos da escravidão moderna, pois a mentalidade escravocrata persiste em grupos dominantes devido a estruturas sociais e econômicas racistas que ainda promovem a desigualdade e as violências racistas que são naturalizadas.

Mesmo após a abolição da escravidão, as relações de poder se mantêm, e a desumanização das populações afrodescendentes pode continuar a ser uma forma de justificar a exploração e a apropriação cultural. A estrutura social pautada pelos privilégios da branquitude (Bento, 2022), quando não desqualifica e desrespeita a cultura afro-brasileira, a transforma em comércio, em lucro, com a ideia de que tudo pode ser apropriado como querem e desvalorizam, modificam e apagam a origem de maneira totalmente desrespeitosa.

Dessa forma, os privilégios desfrutados pelas pessoas brancas permitem que essas não se importem de onde nem como, nem por quem foi feito, pois para elas, os elementos culturais afro-brasileiros, não passam de objetos para comercializar, não importando a história, nem a cultura, não querem saber de nada, não querem se dar o trabalho de tratar com respeito e preservação de sua significação. De fato apagam qualquer contexto e seguem se apropriando de coisas que não os pertence sem problema nenhum, pois esses movimentos de dominar o que é de outra cultura é um privilégio histórico herdado e reproduzido até os dias atuais.

Para a comunidade negra, a preservação da cultura é de fato um ato de resistência e reconhecimento de identidade. Digo por experiência própria, vivencio dentro de espaços majoritariamente negro, onde cultuamos a nossa cultura de diversas maneiras como; samba, hip-hop, funk, religião de matriz africana e etc. Dentro desses espaços, é possível verificar a crescente presença de pessoas brancas com posturas desrespeitosas e racistas. Exemplo recente disso ocorreu na roda de samba Pé de Teresa, espaço considerado ancestral pela comunidade

negra, no qual um homem e uma mulher brancos ficaram fazendo danças sugestivas em movimentos como macacos no meio do espaço onde estava ocorrendo a roda de samba<sup>5</sup>.

Os grupos dominantes, conforme afirmado acima, ainda mantêm essa mentalidade escravocrata e, aparentemente, sempre terão, pois a branquitude lhes garante esse privilégio, e assim fortalece e normaliza esses atos, permitindo que pessoas brancas se sintam à vontade para praticar atitudes como essas.

Outro aspecto que pode ser observado, no processo da apropriação cultural é a comercialização e o uso dos artefatos de origem africana e afro-brasileira como modismo, esvaziado da naturalidade afro - conceito que se refere à afirmação e valorização das identidades e expressões culturais afro-brasileiras, envolvendo a aceitação e a celebração de elementos da cultura negra como parte essencial da identidade nacional, combatendo estereótipos e preconceitos que marginalizam essas determinadas expressões. Dessa forma, tem sido cada vez mais comum ver pessoas brancas em blocos de carnavais se vestirem com abadas de blocos afros, procurando negros para se juntarem e tirarem fotos, usar trança nagô, usar turbantes, rastafári, sem ao menos saber sua originalidade e historicidade, usam apenas por modismo – retirando e esvaziando o significado da cultura afro.

O samba, enquanto patrimônio cultural, pertence à coletividade afro-brasileira, mas sua mercantilização gera disputas sobre quem se apropria da nossa cultura e sob quais condições.

Silva (2013) apresenta aspectos fundamentais para o entendimento acerca dessas dinâmicas de apropriação cultural, ao analisar como o samba - enquanto expressão cultural - tem sido historicamente descontextualizado e mercantilizado, levando a uma perda de suas raízes e significados. A autora enfatiza a importância do reconhecimento e respeito às origens afro-brasileira do samba, destacando a necessidade de criticar práticas que ignoram a contribuição das comunidades negras, ressaltando que o samba ao ser transformado em mercadoria, perde sua capacidade de resistência e crítica, tornando-se um produto consumido superficialmente. Essa superficialidade não apenas deslegitima as vozes das comunidades que o originam, mas também perpetua estereótipos e a desvalorização da cultura negra. Suas reflexões fortalecem a urgência de preservar e valorizar essas culturas, em um contexto onde a apropriação cultural continua a ser uma questão central.

---

5

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/casal-que-imitou-macacos-em-roda-de-samba-e-investigado-no-rio>

Diante disso, considero que o desafio atual é encontrar um equilíbrio entre a celebração do samba o respeito às raízes e significados originais, no sentido de desfrutar e promover o samba como uma forma de arte e expressão cultural, ao mesmo tempo em que se reconhece e respeita seu contexto histórico e social. Celebrar o samba deve incluir a valorização de sua origem afro-brasileira, suas tradições e as narrativas das comunidades que o criaram. Isso significa que eventos performances e representações do samba devem ser sensíveis à sua história, evitando a descontextualização que muitas vezes ocorre na indústria cultural.

### **Considerações Finais:**

O samba é fundamental para a identidade negra, refletindo a história, cultura e resistência do povo. A apropriação cultural do samba revela desigualdades sociais, raciais e econômicas persistentes, e o samba é uma forma de resistência cultural contra a opressão e marginalização. O samba é reconhecido como patrimônio cultural brasileiro, mas sua origem africana é frequentemente negligenciada. A comercialização do samba pode levar à perda de sua essência cultural. A apropriação cultural do samba pode incluir ou excluir grupos sociais. O samba reflete a diversidade cultural do Rio de Janeiro.

A apropriação cultural do samba no Rio de Janeiro é um processo complexo, que reflete a história, cultura e desigualdades sociais da cidade. É essencial reconhecer e respeitar a origem africana do samba e promover a inclusão social e cultural.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as reflexões e iniciativas acerca da necessidade de se proteger e preservar os espaços culturais associados ao samba; promover a participação de comunidades marginalizadas em eventos culturais e fomentar discussões sobre apropriação cultural e diversidade.

## REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Industria cultural e sociedade**. São Paulo: paz e terra, 5ª edição, 2002. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179826/mod\\_resource/content/1/IND%C3%A9ASTRIA%20CULTURAL%20E%20SOCIEDADE.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179826/mod_resource/content/1/IND%C3%A9ASTRIA%20CULTURAL%20E%20SOCIEDADE.pdf)

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **O Pacto da branquitude**. São Paulo. Companhia das Letras, 2022.

MARQUES, Guilherme. **Apropriação Cultural e assimilação cultural na negritude: uma análise em torno da indústria da moda - 2020** Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/apropri%C3%A7%C3%A3o-cultural-e-assimila%C3%A7%C3%A3o-na-negritude-uma-an%C3%A1lise-marques>

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. São Paulo: Todavia, 2022

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. São Paulo: editora Dandara, 2023.

\_\_\_\_\_. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Fundação Grabois co-edição com Anita Garibaldi, 2014, 2 edição.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: editora Ática, 1988.

NASICMENTO, Beatriz. **Uma historia feita por mãos negras**. RATTTS, Alex (org.). Rio de Janeiro: Editora Zahar 2021

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

SILVA, Katia Gomes da. **Quem é o doo do samba? – Discurso sobre legitimidade, tradição e fronteiras**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Relações Etnicrraciais. Centro Federalde Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET), 2013.

SILVA, Rogério Luiz Ferreira da. **As relações de poder a partir das rodas de samba.** Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2019.

SILVA, Alice Gomes da. **Entre batuques e cantos: o samba como arma de resistência negra.** REVHIST - Revista De História Da UEG, 5(1), 321-332. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/4603>

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** Rio de Janeiro: Mauad, 1998, 2ª edição.

VIEIRA, Juliana Lessa. **O samba e cultura da classe trabalhadora carioca.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói. Rio de Janeiro, 2012.

WERNECK, Jurema. **O samba segundo as Ialodês.** São Paulo: Hucitec, 2020, 1ª edição.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural.** São Paulo: Pólen, 2019.